

A (Re)invenção da Região em *O Tal Eros Só: Osso Relato*, de Paulo Ribeiro

João Claudio Arendt ¹

As regiões não produzem apenas obras regionalistas nem se dão a conhecer unicamente através de uma literatura que se debruça sobre sua linguagem, seus tipos humanos e seus caracteres socioculturais, particularizando-os com base em um programa ideológico. Se isso não fosse verdade, então é muito provável que os modelos literários regionais ainda seriam, pelo menos, os mesmos do romantismo novecentista, as culturas regionais estariam irremediavelmente estagnadas e viveríamos sob o signo de uma disputa simbólica ainda mais acirrada entre regiões.

Inegavelmente, no Brasil ainda vicejam estereótipos sobre as regiões e sobre as literaturas que a elas se articulam tanto pela temática, quanto pela produção e recepção de obras. Talvez isso se deva ao fato de os estudos literários de viés regional não terem avançado na mesma proporção que as literaturas regionais, dando a impressão de permanecerem estagnados na velha fórmula do *regional x universal*. E aqui não é necessário buscar exemplos de longa data para comprovar a máxima antitética do “é regional, *mas* universal” usada para valorar obras regionais ou regionalistas. Recentes trabalhos acadêmicos e resenhas críticas, publicados em revistas, jornais e blogs literários, constituem um termômetro seguro acerca da questão².

¹ Coordenador do Programa de Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade – PPGLET/UCS – e do Programa de Doutorado em Leitura e Linguagens da Universidade de Caxias do Sul – PDLET/UCS. Diretor da revista eletrônica Antares (Letras e Humanidades). Ex-bolsista CAPES para Estágio Pós-doutoral na Freie Universität Berlin, sob a supervisão da Profa. Dra. Ligia Chiappini.

² Ver, por exemplo, os seguintes títulos e textos: Regional, universal: 100 anos de Guimarães Rosa, publicado por Luciano Valente, em 2008, na revista *Ciência e Cultura*, de São Paulo; O regional e o universal em Guimarães Rosa, assinado por Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto, em 2008, e publicado nos anais do *Congresso da Abralic*, em São Paulo.

Creio que somente uma mudança de enfoque de pesquisa poderia solucionar parte dessa problemática. Em vez de se perguntar apenas sobre o valor literário das obras regionais, talvez fosse pertinente começar a indagar acerca do processo de produção, circulação e recepção de obras em uma determinada região (Cf. STÜBEN, 2002); em vez de se discutir o alcance de uma obra regional(ista) com base em critérios somente de qualidade, começar a investigar questões referentes ao sistema literário que possibilitam ou impedem o “transbordo” (Cf. SCHEICHL, 1993) das obras produzidas *em* uma região; e no caso das histórias literárias nacionais, perguntar sobre os critérios de seleção de autores e obras utilizados para compor o cânone. Um enfoque dessa natureza, eminentemente sociológico, contribuiria para dar novo fôlego aos estudos literários de viés regional e amenizar a pecha de provincianismo que paira sobre a literatura produzida e/ou consumida em escala regionalizada.

Nessa perspectiva, quando surge uma novela intitulada *O tal Eros só: osso relato* (2010), alguns críticos apressam-se em verificar se se trata ou não de uma obra em que se reconhece certa “cor local”, já que o autor, Paulo Ribeiro, distinguiu-se entre os leitores por situar espacialmente seus romances, novelas, contos e crônicas na região gaúcha dos Campos de Cima da Serra, especialmente na cidade de Bom Jesus, onde nasceu e conheceu as primeiras Letras. Com *Glaucha* (1989), seu romance de estréia, *Vitrola dos ausentes* (1993), *Valsa dos aparados* (2000), *Missã para Kardec* (2002) e *Chegaram os americanos* (2011), obras que compõem uma pentalogia, o autor mapeia ficcionalmente o universo dos Campos de Cima da Serra, dando voz a um grupo social e a um espaço cultural até então praticamente ignorado pela representação literária.

Mas o fato é que, desde antes de 1989, até a data corrente, Paulo Ribeiro encontra-se fisicamente distanciado da sua terra natal (*Heimat*), de maneira que no seu caso, especificamente, poder-se-ia falar em uma literatura *sobre* a – e não *na* – região dos Campos de Cima da Serra. Dito em outros termos: o autor não reside mais na cidade ou na região sobre a qual escreve. Essa hipótese também se confirma em razão de o romancista ter trazido suas obras a lume em editoras não de Bom Jesus, mas de Porto Alegre e Caxias do Sul, além de ter recebido, por exemplo, o Prêmio Henrique Bertaso de Narrativa Longa e o Prêmio ARI de Jornalismo, bem como duas indicações ao Prêmio Açorianos de Literatura, todos sediados na capital gaúcha.

A “literarização de uma região” (Cf. JOACHIMSTHALER, 2009), como no caso dos Campos de Cima da Serra, independe da localização geográfica do seu autor e das casas editoriais em que as obras vêm a público ou da assunção ou não, nesse processo, de uma bandeira regionalista. Assim, literarizar e dar a conhecer ao grande público uma determinada região não significa exaltar suas particularidades, nem justifica que o escritor e a região recebam a pecha da menoridade. Nem mesmo será necessário medir o seu alcance com os instrumentos do universal, quando se trata de investigar o “transbordo” da literatura para os âmbitos suprarregional – nesse caso, nacional ou internacional.

O tal Eros só: osso relato vem a público sob a chancela da editora Belas Letras, com sede na Rua Sinimbu, centro de Caxias do Sul, e integralmente patrocinado pelo Fundo de Apoio à Produção Artística e Cultural de Caxias do Sul (FINANCIARTE). Trata-se de uma obra de re-invenção, como sugere o texto de abertura intitulado “Literatura de invenção”, em que o autor percorre obras nacionais e estrangeiras, indicando, assim, o seu percurso de leituras e o parentesco estilístico de *O tal Eros só* com obras de James Joyce, João Guimarães Rosa, Rubem Fonseca, Paulo Leminski, entre outros.

E essa inventividade de *O tal Eros só* reside de fato num experimentalismo estilístico e estrutural. Na capa, informa-se tratar-se de um “livro palíndromo”, logo, que pode ser lido linearmente e em sentido inverso. A começar já pelo título da obra – “O tal Eros só” – e seu subtítulo – “osso relato” –, que compõem de saída um palíndromo. Da mesma forma, o nome do protagonista, Sore, deriva da inversão da palavra Eros, cuja escolha parece assentar-se em passagem da obra *O banquete*, de Platão, transcrita como epígrafe e chave para a compreensão do livro palíndromo:

Pois que Eros é filho de Pínia e Poros, eis qual é a sua condição. É sempre pobre e não é de maneira alguma delicado e belo como geralmente se crê; mas sujo, hirsuto, descalço, sem teto. Deita-se sempre por terra e não possui nada para cobrir-se, descansa dormindo ao ar livre sob as estrelas, nos caminhos e junto às portas. [...] É corajoso, audaz e constante. Eros é um caçador temível, astucioso, sempre armando intrigas. Gosta de invenções e é cheio de expedientes para consegui-las. É filósofo o tempo todo, encantador poderoso, fazedor de filtros, sofista. [...] tudo o que consegue pouco a pouco sempre lhe foge das mãos. Em suma, *Eros nunca é totalmente pobre nem totalmente rico*. (RIBEIRO, 2010, p.8)

A semelhança entre Eros e Sore, reside, entre outros aspectos, na conquista amorosa, na inventividade, na coragem e na subversão. Sore, por exemplo, atende ao telefone com o gancho invertido, usa um sapato na cabeça e chapéus nos pés, corre de costas, planta bananeira, ouve música tocando ao contrário, anda de bicicleta sentado de costas no *guidom*, caminha com as mãos, escreve da direita para a esquerda, beija a namorada Alma de costas, é campeão em nado de costas, toca com a gaita virada, caminha dormindo, come sopa com a colher virada etc. “Sore comeu toda a sopa com a colher virada. Não demorou 3 minutos. O prodígio alarmou o casal.” Mais que isso,

Sore era como poeta. O mundo ideal para Sore seria o Caos, já que somente na balbúrdia o homem deixa de ser um nada. Adquire algum sentido para a existência. [...]

O mundo ideal seria um carnaval mudo. Um velório festivo.

Um coro que fosse fúria.

O corvo que pousasse na torre da igreja de Ata. As andorinhas que varejassem a carniça. (RIBEIRO, 2010, p.36).

E o fato de ser poeta dava-lhe uma natureza irônica, bem como uma predisposição para a bazófia. Desde menino, “ficar fora do mundo com as letras, escrevendo da direita para a esquerda, era a técnica de Sore para não acompanhar as aulas de logaritmos.” Morto em um acidente (saiu no jornal: “Ciclista que transita de costas é atropelado na BR”), Sore Lenich deixa inédito um conjunto de relatos (“Coisas ao contrário, hehe”), que compõem a segunda parte da novela, sob o título “O tal Eros só: relato”.

A primeira parte – em que Ribeiro traça uma espécie de biografia do poeta Sore, com informações fragmentadas sobre a infância, a adolescência e a vida adulta, bem como delineia seu perfil psicológico, moral e social – constitui uma espécie de introdução explicativa para a segunda parte da novela, onde o universo da lógica se dilui e se perde no caos poético da forma palindrômica. Exclamações, interrogações, interjeições, repetições e, claro, muitas inversões dão forma aos poemas-relato de Sore.

A aparente falta de sentido resulta, assim, da incapacidade do autor-narrador para a ordem, da sua tendência para o absurdo e o insensato:

Ramo? Novo Ano? A vida. O milagre.
E vamos, ô, canoa rota!, Alet meu amoxim.

Ama careza o tal Eros só.
Em olho, olho-me.
Só.
Par?
A! leva, Odana. Cira, acolham o cesse desse “esse”.
O Gago. A ti a boataria.
A.R. Bacametra. Arrazoados.
Mas, né, pela folha ocorre. Erro. Cô, ah, Lô (fale!)
pensam...
Sodão, Zarra.
Arte macabra, a ira tão baita, o Gago. Esse “esse” desse
com alho cá!
Ari Canado a velar após... Em olho, olho-me.
Osso relato, a zera cama. Mixo, mau em tela, à tora, o
naco:
som, aver, erga! Limo a diva.
Ô, não vô no mar! (RIBEIRO, 2010, p.43)

A leitura, se iniciada no primeiro verso de qualquer um dos poemas-relato, pode ser encerrada bem na metade e retomada ao revés, a partir da última letra do último verso. Nada impede, entretanto, que se leia o poema na íntegra e, somente ao final, faça-se o percurso inverso. Do mesmo modo, é possível ler o livro de trás para frente, onde se encontra o epitáfio de Sore (“Aqui jaz um poeta que deu à terra o rosto”[p.111]), e avançar até a página 43. Por último, existe a possibilidade de ler aleatoriamente cada um dos poemas ou até mesmo cada um dos versos, porque os poemas de Sore caracterizam-se pelo ilogismo e pelo absurdo que quase beiram o irracional. Poder-se-ia falar de uma espécie de fluxo da consciência, não fosse o esmerado trabalho do seu autor (ou dos autores) em cifrar cuidadosamente as ordens direta e indireta das palavras.

Ao longo do texto, assim, surgem capicuas (números invertidos), palíndromos naturais (não inventados com essa intenção) e palíndromos artificiais (criados com a intenção de serem palindrômicos), os quais se desdobram entre perfeitos e imperfeitos (no caso destes, os sinais na mesma letra não são respeitados e podem até desaparecer). E a grande maioria dos palíndromos artificiais pode ser considerada insensata, em consonância com o modo de pensar e agir do seu autor-narrador Sore Lenich.

Ata:
8.08.08

Ana à rua. Aura Ana. Assim, missa. Ela e Ale.
A!, dia tramado, ô dama traída.
Saídas sadias. Olho.
Atlas, salta!, oceana; Ana eco.
E malhava toda. Adota. Valha-me!
Ato nu ou nota. O medo Demo. Roda rã o arador.
A cuca no ato, ô, tão na cuca.
Ana matam. Matam Ana.
Em olho, olho-me.
Osso.
Os sonos, o derrame, em arredo só nosso. (RIBEIRO, 2010, p.55)

O aparecimento de uma obra dessa natureza – por uma editora jovem e de pequeno porte, *em* uma região que insistentemente se debruça sobre os seus mitos de origem, aqueles da imigração italiana – pode ser considerado um marco significativo para a reinvenção da literatura regional. Acredito que é também reinventando a linguagem literária, que uma obra de produção e circulação inicialmente regional pode “transbordar” as fronteiras e garantir sua recepção no âmbito suprarregional.

Mas será que isso acontecerá, de fato, com *O tal Eros só*, quando se considera o atual horizonte de expectativas que orienta a produção, a recepção e o consumo de obras literárias no Brasil? O seguinte depoimento do autor, por ocasião do lançamento da obra, é significativo:

O meu editor conta que o distribuidor do livro ficou muito indignado porque vendi apenas 19 exemplares no lançamento. Mais uns 20 de cortesia, some-se, não chega a 40. Pô, tenho eu lá culpa disso, senhor distribuidor?! O que devia fazer eu fiz, escrever o livro. O resto é com a mentalidade cultural do país em que vivemos. Quarenta exemplares. É um bom começo. (RIBEIRO, 2010)

Em todo caso, acredito que se trata de um bom começo para que se removam, aos poucos, os estigmas que sempre repousaram sobre a literatura produzida e consumida fora dos grandes centros metropolitanos.

REFERÊNCIAS

JOACHIMSTHALER, Jürgen. **A literarização da região e a regionalização da literatura.** *Antares* (Letras e Humanidades), Caxias do Sul, n°2, jul/dez 2009.

RIBEIRO, Paulo. ***O tal Eros só: osso relato.*** Caxias do Sul: Belas Letras, 2010, 112p.

____. Mãos vazias de livros. *Pioneiro*. Caxias do Sul, 21 abr. 2010, p.4.

SCHEICHL, Sigurd Paul. Der Austritt aus der Regionalliteratur. In: TONTSCH, Brigitte, SCHWOB, Anton (Orgs.). **Die siebenbürgisch-deutsche Literatur als Beispiel einer Regionalliteratur.** Köln: Siebenbürgisches Archiv, 1993, p. 33-49.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, João Claudio Arendt; NEUMANN, Gérson Roberto. **Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate.** Caxias do Sul: EDUCS, 2013.